

Caracterização da Autonomia Musical em Práticas Informais de Aprendizagem Musical

Comunicação

Alan Caldas Simões

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) / Instituto Federal do Espírito Santo (IFES)
alanmpb@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho configura-se como uma pesquisa de doutorado em andamento cujo tema central é a relação entre a autonomia e práticas informais de aprendizagem musical. Assim, visamos responder a seguinte questão de pesquisa: Como se caracteriza a autonomia de aprendizagem em práticas informais de aprendizagem musical? Diante dessa questão, elencamos dois objetivos principais para nosso estudo: a) Analisar e descrever como se caracterizam os processos de aprendizagem autônomos em práticas informais de aprendizagem musical; e b) Estabelecer princípios e categorias que indicam modos/modelos de aprendizagem autônomos. Em nossa pesquisa adotamos como referencial teórico principal os trabalhos desenvolvidos por Paulo Freire e Lucy Green. Nossa pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa ação onde investigaremos a emergência dos processos autônomos em música a partir de práticas informais de aprendizagem musical, em turmas do segundo segmento do ensino fundamental. Para a análise dos dados faremos um processo de triangulação tendo como procedimento central a análise de conteúdo temática. Neste presente trabalho, apresentamos as primeiras formulações teóricas sobre o tema e uma síntese das primeiras observações realizadas a partir da coleta de nosso corpus em curso. Dessa forma, compreendemos que a autonomia é a base dos processos de aprendizagem informal em música. Embora a autonomia seja um atributo essencialmente humano, e, na medida em que ela se vinculada à ideia de dignidade, podemos compreender que ninguém é espontaneamente autônomo, sendo a autonomia configurada como uma conquista e um exercício individual.

Palavras chave: Autonomia em música. Paulo Freire. Lucy Green.

1. Introdução

As práticas de aprendizagem musical informal aplicadas ao ambiente escolar tem se mostrado promissoras para formação musical do aluno, pois em linhas gerais (GREEN, 2008): (a) permitem autonomia na escolha do repertório a ser trabalhado em sala de aula; (b) valorizam e estimulam o “tocar de ouvido” e a imitação; (c) permitem o aprendizado de maneira coletiva (grupos com interesses musicais comuns); (d) o professor deixa de ser o foco do processo de ensino-aprendizagem; (e) os conhecimentos musicais são abordados de

maneira espontânea, ainda que aparentemente de forma caótica; e (f) são valorizadas habilidades de escuta, performance, improvisação e composição musical.

Assim, a educação musical deixa de ser um processo de acúmulo de conhecimentos e passa a transformar o aluno numa rede dinâmica de ensino-aprendizagem onde a autonomia do educando assume papel fundamental. Segundo Freire (1996), a autonomia é um dos saberes necessários à prática educativa, na medida em que está “[...] fundada na ética, no respeito à dignidade e na própria autonomia do educando” (FREIRE, 1996, p. 10).

Diante desta constatação, em nosso projeto, buscamos responder a seguinte questão de pesquisa: Como se caracteriza a autonomia de aprendizagem em práticas informais de aprendizagem musical? Dessa forma nossa investigação possui os seguintes objetivos: a) Discutir e problematizar sobre as práticas informais de aprendizagem musical na educação musical formal; b) Descrever e analisar como se caracterizam os processos de aprendizagem autônomos em práticas informais de aprendizagem musical em turmas regulares do segundo segmento do ensino fundamental; e c) Estabelecer princípios e categorias que indicam modos de aprendizagem musical autônomos.

2. Justificativa

Primeiramente ressaltamos que ser autônomo representa mais que apenas fazer o que se quer ou dirigir sua vontade orientado por seus próprios desejos. Para nós, em consonância ao pensamento de Freire (1996), a autonomia representa uma conquista e se realiza de diferentes formas no contexto educacional. Poderíamos dizer ainda que nenhum indivíduo é totalmente desprovido de autonomia ou autônomo por completo, pois esta autonomia se constrói ao longo da vida em um processo ininterrupto de exercício desta própria autonomia.

Nas práticas de aprendizagem informal em música observamos que a autonomia se configura como elemento chave para o aprendizado musical. Desde as primeiras etapas do processo de aprendizagem o indivíduo realiza seus estudos e práticas orientados por motivações pessoais e diferentes níveis de vinculação com a música. Estes diferentes níveis de vinculação com a música determinam diferentes formas de aproximação ao objetivo musical e consequentemente o desenvolvimento de formas pessoais de aprender música.

De forma geral, poderíamos estabelecer alguns princípios que orientam o aprendizado dos músicos populares (GREEN, 2002), que possuem a motivação e a autonomia como elementos centrais, a saber: (a) Escolhem as músicas que desejam aprender, geralmente oriundas de um contexto familiar; (b) Realizam uma escuta atenta e intencional aprendendo as músicas através do processo de cópia e reprodução; (c) Aprendem em grupos com afinidades e gostos comuns sem a supervisão de um professor; (d) Aprendem de forma casual e pessoal, sempre com prazer; e (e) associam atividades de ouvir, tocar, compor e improvisar.

Apoiado nestes princípios Green (2008) propôs um modelo pedagógico para o ensino de música orientado conforme as práticas de aprendizagem dos músicos populares, que em suma, pressupõe enculturação, desenvolvimento auditivo, trabalho em conjunto, autonomia e aprendizagem significativa.

Em sua pesquisa de doutorado Narita (2014) investigou as práticas de aprendizagem musical informal no contexto de Educação a Distância, identificando modos pedagógicos de atuação de professores licenciandos em práticas docentes baseadas na aprendizagem informal. Em nossa pesquisa investigaremos os modos de atuação autônomos dos alunos no desenvolvimento de práticas informais de aprendizagem musical em contextos regulares de ensino. Nossa proposta visa observar, descrever e analisar estes modos autônomos de atuação discente compreendendo como se caracterizam, uma vez que sabemos que, a autonomia se realiza de diferentes formas na vida do ser e os indivíduos possuem graus diferentes de exercício desta autonomia (FREIRE, 1996).

Observamos que as pesquisas sobre a autonomia no campo das práticas informais de aprendizagem musical representam um aprofundamento dos estudos iniciados por Green (2002, 2008), e um avanço no tocando ao entendimento sobre como os alunos exercem esta autonomia. Este fato, aliado ao intento de descrever modelos de aprendizagem autônomos, representa um avanço inédito para os estudos sobre as práticas de aprendizagem musical informal, o que confere a nossa pesquisa o grau propositivo que se espera de uma pesquisa de Doutorado.

3. Referencial teórico

O presente projeto de doutorado, objetivando investigar o princípio da autonomia enquanto prática fundamental para um processo de educação musical pautado em práticas informais de aprendizagem musical, possui como fundamentação teórica os seguintes autores: (a) Freire (1996), quanto ao conceito de autonomia; e (b) Green (2002, 2008), quanto aos princípios de aprendizagem informal em música e sua aplicação em contextos regulares de ensino.

4. Metodologia

O presente projeto de doutorado se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, configurando-se como uma pesquisa ação (SEVERINO, 2000). A fim de cumprir os nossos objetivos de pesquisa, ministraremos quatro turmas de música, durante um semestre letivo, voltado para alunos do segundo segmento do ensino fundamental. No semestre letivo de 2017/1 atuamos como professor de música nesta escola e aplicamos as etapas metodológicas 1 e 2 da proposta didática sugerida por Green (2008) para a aplicação das práticas informais de aprendizagem musical em contextos formais de ensino.

4.1 Procedimentos de análise e instrumentos de coleta de dado

Na presente pesquisa utilizaremos os seguintes instrumentos de coleta de dados: a) entrevistas semiestruturadas, b) questionários abertos e fechados, c) observações participantes e análise documental, d) gravações em áudio e vídeo do processo de produção, experimentação e apresentação musical dos alunos. Atualmente, como esta se trata de uma pesquisa em andamento, estamos gravando as aulas e realizando um relatório de campo.

Posteriormente, como instrumento de análise, utilizaremos a técnica de análise de conteúdo temática conforme proposto por Bardin (1977).

5. Resultados parciais

Na presente investigação em curso, compreendemos até o momento que: A autonomia é a base dos processos de aprendizagem informal em música. Seu grau mais elevado seria alcançar uma autonomia pessoal na vida a partir do objeto música. Embora a autonomia seja um atributo essencialmente humano, e, na medida em que ela se vinculada à ideia de dignidade, podemos compreender que ninguém é espontaneamente autônomo. A autonomia é uma conquista que deve ser realizada individualmente. Na educação musical essa autonomia se faz presente, como pensamos, na valorização dos saberes do educando e na possibilidade da construção cooperativa do conhecimento musical a partir da realidade concreta do aluno. Fundamentando nosso pensamento na pedagogia crítica de Paulo Freire, acreditamos que há três eixos principais que permitem uma educação musical pautada na autonomia: a) não há docência sem discência; b) ensinar não é transferir conhecimento; e c) ensinar é uma especificidade humana.

No primeiro eixo, entendemos, assim como Freire, que não há docência sem discência. Logo, faz-se necessário à reflexão crítica sobre a prática educativa, ou seja, tal reflexão é uma exigência da relação teoria-prática para evitar que esta se torne ativismo infundado ou teorização descontextualizada. Por isso ressaltamos que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção” (FREIRE, 1996, p. 22). Quando, por exemplo, permitimos que um aluno faça suas escolhas de ordem musical e utilize sua capacidade crítica e criativa para realizar em grupo a execução de uma peça musical (GREEN, 2008), estamos valorizando seus saberes e afirmando que a educação musical deve ir além do ensino bancário (FREIRE, 1999). Como sabemos, a indagação, a dúvida, a busca e a pesquisa fazem parte do processo educativo musical. Portanto, exige-se respeito aos saberes dos educandos e reconhecimento de suas identidades culturais (FREIRE, 1996).

Dentro deste eixo emerge ainda a categoria estética e ética onde, “[...] o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar” (FREIRE, 1996, p. 33). Dessa forma, cabe ao professor não somente participar do processo educativo, mas corporificar suas palavras pelo exemplo, sendo ele o primeiro a compreender que ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação (FREIRE, 1996).

O segundo eixo sobre autonomia a se defender é: ensinar não é transferir conhecimento. O ato educativo, portanto, é uma possibilidade de transformar ou construir o conhecimento (FREIRE, 1996). Assim, emerge no contexto educativo musical a necessidade de respeitar a autonomia do educando e perceber a sala de aula como um espaço dialógico onde crescemos na diferença. Relacionando esse tópico à educação musical, observamos que as práticas informais de aprendizagem musical (GREEN, 2002, 2008) permitem a aproximação entre a música e a vida do aluno, tornando este ensino significativo, afinal já não se trata de mera memorização ou mecanização descontextualizada. Com isso professores e alunos assumem uma postura “[...] dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não passiva, enquanto um fala o outro ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos” (FREIRE, 1996, p. 86). A partir do momento em que os professores permitem aos alunos descobrirem a música e os instrumentos musicais por si sós, mesmo que aparentemente em um processo caótico, o exercício da autonomia se inicia. Nesse processo de descoberta, o aprendizado se dá de maneira casual e motivadora, uma vez que parte das escolhas e das necessidades dos próprios alunos em consonância com sua realidade.

O terceiro eixo sobre autonomia a se defender é: ensinar é uma especificidade humana. Ressaltamos quanto a este ponto que “[...] a autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas [...]” (FREIRE, 1996, p. 107) ao longo do processo educativo. Logo, na medida em que o aluno de música percebe-se como responsável pela construção de seu próprio conhecimento este passa da posição de heteronomia para autonomia. Tal autonomia, além da liberdade de pensar por si e da capacidade de guiar-se por princípios que concordem com a própria razão, envolve ainda a capacidade de realizar, o que exige uma postura consciente e ativa em sala de aula.

Neste processo de adaptação das práticas informais de aprendizagem musical ao ambiente regular de ensino o professor assume o papel de modelo musical, cabendo a ele as funções de: definir a tarefa; distanciar-se; observar; diagnosticar; orientar; sugerir, servir como modelo, assumir a perspectiva dos alunos, auxiliar os alunos a atingir os objetivos que eles próprios traçaram. Percebemos que durante a fase de observação de nossas aulas, emergiu a problematização sobre as novas tecnologias e o aprendizado de música, pois alguns alunos utilizaram vídeo tutoriais para aprender as músicas selecionadas, ao invés de

aprendê-las exclusivamente através da cópia e reprodução do áudio. Assim, problematizamos: Aprender música pelo youtube, por tutorias ou vídeos de internet, cumpre o mesmo papel pedagógico-musical da atividade de escuta atenta e reprodução realizada pelos músicos populares?

Em nossa pesquisa, não pretendemos problematizar ou realizar aprofundamentos sobre essas questões, mas evidenciamos pontos que necessitam ser revisitados na sistematização proposta por Green (2002) sobre como os músicos populares aprendem a partir da década de 1990. É importante ressaltar que a prática de aprendizagem musical que combina imitação e escuta atenta, não é exclusividade das práticas musicais que realizam a cópia/imitação de material em áudio e/ou vídeo. Tais práticas estão, e sempre estiveram, presentes nas diversas culturas musicais espalhadas pelo mundo e na história da humanidade (GREEN, 2002, p. 4531). Entretanto, não podemos negar, que com o advento da internet a maneira como as pessoas escutam música mudou e, dessa forma, conseqüentemente, a maneira como os músicos populares aprendem música também mudou.

Por fim, a partir das experiências pedagógicas realizadas até agora em nossa pesquisa, concluímos que as práticas de aprendizagem musical informal realizadas na educação básica permitem ao educando: (a) desenvolvimento do senso de responsabilidade e autonomia; (b) desenvolvimento auditivo; (c) quebra da hierarquia professor-aluno; (d) afirmação da identidade cultural; e (e) fluência e motivação na prática musical diária.

6. Referências

ABRAHAMS, Frank. Aplicação da Pedagogia Crítica ao ensino e aprendizagem de música. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 12, 65-72, mar. 2005.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. 7. ed. Portugal: Lisboa, 1977.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Educação e mudança*. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GREEN, Lucy. *How popular musicians learn: a way ahead for music education*. London: Ashgate, 2002.

_____. *Music, informal learning and the school: a new classroom pedagogy*. Hampshire: Ashgate, 2008.

NARITA, Flávia Motoyama. *Music, Informal Learning, and the Distance Education of Teachers in Brazil: a Self-Study Action Research Project in Search of Conscientization*. 2014. 335 f. Tese (PhD in Music Education) – Institute of Education, University of London, Londres, 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2000.